

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

**CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO COMO INSTRUMENTO
DE RESGATE DA IDENTIDADE DE UMA
ORGANIZAÇÃO ESCOLAR**

REGINA ANGELA ESTEVES DA JUSTA

**FORTALEZA - CEARÁ
2005**

**CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO COMO INSTRUMENTO DE RESGATE DA
IDENTIDADE DE UMA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR**

REGINA ANGELA ESTEVES DA JUSTA

**MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COMO REQUISITO PARCIAL PARA
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

FORTALEZA – 2005

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Regina Ângela Esteves da Justa

MONOGRAFIA APROVADA EM: ____/____/____

**Professora Doutora
Gláucia Maria de Menezes Ferreira**

Agradecimentos

**Ao meu Deus pelo Dom da
Vida e Salvação em Jesus !**

**Ao meu marido Paulo
companheiro com quem divido
alegrias e aventura nesses 15
anos e quem cuida de nossa
filha para eu estudar!**

**Aos meus pais que sempre
acreditaram em mim**

**Aos meus professores em quem
pude ter apoio**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1. A ESCOLA,LUGAR DE ALEGRIA E SEGREGAÇÃO SOCIAL	07
1.1 A Escola de hoje e sua história	07
1.2 A Escola e seu Papel Social	09
1.2.1 A Escola ,sua crise e desafios	12
1.3 O Espaço escolar,seus atores sociais	14
1.3.1 A Escola,lugar de Escuta	15
2. ESCOLA,ESPAÇO DE INTERVENÇÃO	17
2.1 A intervenção Psicopedagógica	17
2.2 A Escola como organização articuladora dos vínculos afetivos	18
2.2.1 A Organização Escolar e as relações grupais	20
2.2.2 Proposta para uma intervenção institucional	23
2.2.3 Identificando a Instituição sugerida	24
2.2.4 Projeto Experimental com estratégias de intervenções	27
3. PICHÖN-RIVIÉRE E A ABORDAGEM DE GRUPOS	30
3.1 Histórico sobre Pichön-Riviére e abordagem sobre Grupos Operativos	30
3.2 A aplicabilidade de uma intervenção a partir de Pichön-Riviére	32
3.3 A construção do Vínculo	34
3.3.1 O vínculo como eixo para a prática formativa	37
3.4 Grupos Operativos e seus Papéis	38
3.4.1 A construção do Processo Grupal	41
3.4.2 A tarefa no Grupo Operativo	42
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

INTRODUÇÃO

A psicopedagogia nasceu na década de sessenta e se legitimava pela necessidade de atendimento mais específico às crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem. Até então atendidos por profissionais da medicina e da psicologia. Estes acabavam tendo visão reducionista do problema tido como algo pouco compreendido, por falta de um conhecimento especializado sobre como ocorre o processo de aprendizagem.

A psicopedagogia evoluiu paralelo aos estudos na área educacional. O surgimento de novas teorias na área da lingüística e psicolingüística, do desenvolvimento humano proposto por Ferreiro (1992) bem como a nova visão sobre os diversos tipos de inteligências de Gardner (1994) e a aplicação da técnica de grupos operativos de Pichon-Riviere (1996), permitiu uma concepção mais complexa dos fatores que envolvem o processo de aprendizagem. Nesse contexto a psicopedagogia surge como uma aliada de demais ciências e abre outras instâncias profissionais em sua atuação, além do espaço clínico, como a escola, a família, a empresa e a psicopedagogia hospitalar.

O presente trabalho monográfico, tem como objetivo promover uma experiência prática da teoria de Pichon-Riviére na busca de resignificar a psicopedagogia numa instituição escolar, tendo em vista que os problemas que ocorrem numa instituição dinâmica como a escola, não estão ligados somente ao aluno, mas também aos demais papéis exercidos nesse contexto. Desse modo, discutir com esse grupo escolar questões de relacionamentos e experiências das situações de grupos, pode vir a ser uma possibilidade de desenvolver estratégias de intervenções e de ajustes para o crescimento da saúde na organização, gerando assim um ambiente de aprendizagem melhor para os alunos, sobretudo pela importância que este tem num ambiente mais saudável.

Esse trabalho monográfico foi realizado a partir de leituras, de aulas teóricas e poderá ser usado como ferramenta de intervenção prática em qualquer instituição que se permita aplicar a teoria de Pichon-Riviére a fim de promover conflitos e reflexões nos indivíduos que participam da vida de uma determinada instituição. Por essa razão, as orientações aqui apresentadas são planejadas para uma escola, mas não considerado como projeto final, e sim como uma proposta de intervenção.

1. A escola, lugar de alegria e segregação social.

1.1 A Escola de Hoje e sua história

Para compreender e analisar a “crise” instalada na escola de hoje como instituição e organização escolar, será necessário um mergulho em alguns aspectos históricos de sua origem, e explorar um pouco os elementos estruturais, econômicos e sociais que foram influenciando o papel que essa escola desempenha hoje. Para perceber a situação da atual escola, faz-se necessário uma análise do contexto em que surge. Foi para favorecer especialmente o desenvolvimento da economia e o domínio religioso nesse período que apareceram os primeiros colégios como instituição para a formalização do ensino.

A história da educação brasileira inicia quando surge o primeiro movimento de escolarização no Brasil do século XVI. Esse período não poderá ser desvinculado dos acontecimentos da Europa, já que o processo de colonização do Brasil resultou da necessidade de expansão comercial da burguesia enriquecida com a revolução comercial. As colônias representavam não só maior ampliação do comércio como também eram fornecedoras de produtos tropicais e metais preciosos, sendo o Brasil um alvo de grande interesse para esse processo de expansão comercial.

Especificamente no Brasil, foi necessário mais tempo para as colônias serem lucrativas. De início a ação dos portugueses se restringiu à extração do pau-brasil e a algumas expedições exploratórias. A partir de 1530 tem início a colonização, com o sistema de capitanias hereditárias e a monocultura da cana-de-açúcar. A economia colonial se expande em torno do engenho de açúcar, e o grande proprietário de terras recorre ao trabalho escravo, inicialmente dos índios e, depois, dos negros africanos.

Latifúndios, escravatura, monocultura, essas são as características da estrutura econômica colonial que explicam o caráter patriarcal da sociedade centrada no poder do senhor de engenho. Convém não esquecer que o Brasil era uma colônia e, portanto, o lucro ficava com os comerciantes na metrópole, o que caracterizava uma economia de modelo agrário-exportador dependente.

Foi nesse contexto que a educação pela educação passou a não ser vista como algo essencial na formação do homem, ao contrário, o catolicismo em parceria com os líderes econômicos visava converter os gentios para que se submetessem a fé cristã. Desse modo levavam os colonos a produzirem em massa uma quantidade de fiéis que estivessem debaixo da autoridade da igreja e servindo aos latifundiários com sua mão de obra e submetendo sua cultura local a desvalorização para ter que aceitar sem questionar a cultura européia.

A intenção, não era só de difundir a religião, mas levar cativas pessoas que serviam com mão de obra fácil, e saúde apropriada para a intensa atividade agrária que fortalecesse a economia vigente. É nesse sentido, que a educação assume um papel de agente colonizador e não instrumento de formação cidadã. Os principais responsáveis por esse processo de escolarização foram os jesuítas, sendo também estabelecidas às características estruturais de uma escola nessa concepção capitalista e um currículo voltado para a formação humana, dividido em três áreas. São essas: Letras humanas, Filosofia e Ciências (ou artes), Teologia e Ciências Sagradas.

Nessas primeiras escolas, reuniam-se os filhos dos indígenas e dos colonos. Entretanto a tendência da educação jesuíta era separar os “catequizados” e os “instruídos”, formando desde então as diferentes classes sociais e intelectuais dentro da história da educação escolar brasileira numa perspectiva dualista e excludente. Nesse período, ocorreram os esforços para institucionalizar a escola, iniciados no século anterior. Esse ensino apresentava um aperfeiçoamento com a legislação referente à obrigatoriedade, aos programas, níveis e métodos e se desenvolveu até o século XVIII com mais de 600 colégios espalhados pelo mundo, incluindo o Brasil.

Essa escola de hoje organizada em currículo e padronizada, está ligada a uma invenção histórica que emergiu no princípio da era moderna. Coincidiu com a transição das sociedades de antigo regime para as modernas sociedades liberais e hoje industrializadas vinculadas ao capitalismo. Como afirma o professor e doutor em ciências da educação pela Universidade de Lisboa e autor de vários livros na área de educação Rui Canário (2004,pág 8): *“A escola está constituída do ponto de vista histórico, como uma instituição que promove a socialização de regras e normas de crianças e jovens a partir de um conjunto de valores que são estabelecidas pelo contexto sócio-econômico em destaque e pelas políticas educacionais que determinam as demandas dessa mesma sociedade”*.

Essas são algumas informações que permitem uma melhor compreensão histórica de como essa escola foi se estruturando ao longo desses séculos.

1.2 A Escola e seu Papel Social

*“ A finalidade de nossa escola é ensinar a repensar o pensamento, a
“Des-saber” o sabido e a
duvidar de sua própria dúvida; esta é a única maneira de
começar a acreditar em alguma coisa”.*
Juan de Mairena

Toda e qualquer sociedade carece de educação, não há construção da cidadania se não houver formação de uma estrutura mínima social no que diz respeito às regras e valores morais para o viver em sociedade. Cabendo a escola assumir como modo de educação formal, essa ponte de transição da família para a sociedade. Nesse sentido a instituição escolar é o lugar por determinação da sociedade onde se projeta a relação mediadora e articuladora de outros dois tipos de projetos. Um que se refere à visão hegemônica da sociedade e o outro referente aos projetos pessoais do sujeito. Este último envolve os esforços pessoais deste em paralelo a sua condição sócio-econômica. Há, portanto a promoção de uma ruptura entre o ser qualificado e o ser capacitado socialmente para o mercado de trabalho dentro de uma classe ou outra classe de acordo com suas competências, tornando-se nesse sentido um locus de reprodução e desigualdades sociais, visto que nem todos gozam do acesso à escola e das mesmas condições culturais e acadêmicas.

A escola funciona como um lugar de entrecruzamento do projeto político coletivo da sociedade com os projetos pessoais e existenciais de educandos e educadores. É ela que poderá possibilitar algumas ações pedagógicas de seus atores sociais sejam estes, alunos, professores, pais e funcionários, pois num clima de mistura em divergências e convergências torna-se o ambiente de buscas e anseios daqueles que se propõem ao ensino e daqueles que querem ser ensinados independente do fim que esta aprendizagem irá levar. Há uma contradição clara nesse cenário, que diz respeito ao que essa escola almeja na função de formadora de saberes e aquilo que realmente ela produz, visto que a escola não é de fato e de verdade um espaço de acesso de todos e não tem sido um lugar de promoção da alegria que defende Fernandez (2001) colocando a idéia de alegria como parte integral do processo de ensino e aprendizagem, pois para Fernandez (p.113),”o contrário da alegria não é a idéia de tristeza, mas o aborrecimento, o omitir-se o desaparecer”.

Apesar de estar recheada de contradições, essa instituição não poderá ser substituída por hipótese nenhuma pelos meios de comunicação de massa e nem pelas novas tecnologias como propõem alguns estudiosos e críticos das novas formas de aprendizagem (especificamente depois do avanço e possibilidades de ensino à distância), Ao contrário, continua sendo necessária e fundamental para a relação saudável e contato de vozes, corpos e grupo com professor e aluno, “aprendente e ensinante” (Fernández, 1994; pág; 71) na busca pelo processo de ensino e aprendizagem. Para a autora os termos ensinante e aprendente foram extraídos da obra de Alicia, “A inteligência Aprisionanda”(1990) sobre o papel do professor(ensinante)e do aluno(aprendente),em que estabelece uma relação de reciprocidade numa prática que considera o que ensina sendo este também o que aprende,fazendo com que essa relação torne-se uma constante relação de trocas de saberes.

A escola como instituição, independente de como está estruturada, funciona como uma organização composta por administradores e gestores como afirma Libâneo(2001,p.97):

“No campo da educação, a expressão organização é freqüentemente identificada com administração escolar, termo que tradicionalmente caracteriza os princípios e procedimentos referentes à ação de planejar o trabalho da escola, racionalizar o uso de recursos(materiais,financeiros,intelectuais),coordenar e controlar o trabalho das pessoas.

Nesse sentido, dependendo da maior ou menor capacidade de participação de seus atores em sua constituição e gestão, promovendo maiores ou menores oportunidades para a sua convivência de sujeitos eujeitados, há uma dinâmica interna que extrapola os muros da escola implicando em mais ou menos intensidade de sua função social, ou seja, sendo ou não uma instituição determinada à aprendizagem cognitiva ou intelectual de seus alunos, está sendo veículo de produção hegemônica, pelo simples fato de depender diretamente dos aspectos estruturais (projeto e concepção metodológica) e aspectos subjetivos (relações interpessoais) que ocorrem dentro dessa estrutura social.

Esses são alguns dos aspectos aqui citados, há muito que ser investigado no espaço escolar, entretanto analisar-se-á nesse contexto apenas o ponto que caracteriza as relações subjetivas numa instituição escolar dentro de uma intervenção psicopedagógica. Essas estratégias poderão ser aproveitadas para a construção do vínculo em uma determinada organização escolar como espaço aqui cogitado hipoteticamente, pois a partir dessa análise, possibilitar-se-á a construção de um projeto de intervenções práticas com base na psicopedagogia como ciência que estuda também os diversos tipos de fenômenos comportamentais, a fim de re-construir o eixo da atividade grupal existente e em paralelo explorar as condições de consolidação dos vínculos dentro dessas complexas relações, como no caso dos professores, gestores e administradores em resgate da identidade profissional de seus participantes e mais especificamente os professores.

1.2.1 A escola, sua crise e desafios.

Ao longo dessas ultimas décadas, tem-se percebido as transformações negativas ocorridas no cenário da educação e em particular na escola. Apesar de identificá-la como instituição ainda “detentora dos saberes” e o lugar que carrega em si aquela função primária de formar cidadãos cultos, inteligentes capazes de ascenderem socialmente pelo estudo, percebe-se que dentro desse mesmo espaço, há uma crise dos valores morais e éticos nas relações sociais instaladas na sociedade e sendo manifesta dentro da escola.

É nesse cenário, que a escola vem sofrendo uma pressão exacerbada por parte dessa mesma sociedade que está, contextualizada no mundo do imediatismo, pragmatismo, consumismo e acima de tudo com uma “ética” descomprometida com o outro, passando a assumir como parte de seu currículo, a responsabilidade de fazer em seu cotidiano, o dia a dia do aluno acontecer de modo a suprir suas demandas pessoais, familiares, sem que com isso perca de vista suas características principais, ou seja, formar alunos para o mercado de trabalho com competências técnicas e preparados para uma elite restrita e dominadora. Porém, para o contraste com esse cenário, vemos hoje o quanto a escola está sujeita a fragilidades que essa mesma sociedade criou tais como : os índices de violência, analfabetismo, exclusões, evasões e sub-julgada a apresentar em seu perfil um dualismo da escola para pobres e ricos, sendo caracterizada como mais uma das ferramentas de segregação social desde o seu surgimento enquanto instituição formadora.

É muito comum, encontrar expressões publicitárias, que caracterizam os muros das escolas de hoje com frases que falam aos ouvidos dos pais aquilo que estes já não tem mais competências para fazer, ou seja, cumprirem a missão de levar os filhos a crescerem dentro de um padrão mínimo de ética. Isso é algo muito corriqueiro dentro da sociedade capitalista, visto que seu modelo de funcionamento visa a competição desenfreada, o destaque por aquilo que se tem e não por aquilo que o sujeito é, e principalmente pelo consumo exagerado, o crescimento das desigualdades sociais e a fragmentação da família como consequência ao rompimento com o antigo modelo patriarcal. Não obtendo mais um controle mínimo na educação e criação de seus filhos, a família tem esperado da escola também esse compromisso com o afeto e acompanhamento de suas principais necessidades.

Como parte integrada ao neoliberalismo, a escola sendo ela pública ou privada, é um aparelho reprodutor da visão neoliberal, ela assume hoje um destaque nesse cenário como empresa comercial e um espaço de aglomerado de jovens e crianças “sem famílias” e principalmente, como um espaço coletivo recheado de profissionais como são os professores, desacreditados e sofridos com seus desafios e paradoxalmente desqualificados para essas demandas e expectativas geradas nessa sociedade.

A partir dessa análise da realidade atual da escola hoje, entende-se que seus desafios são superiores as suas condições de superá-los. Faz-se necessária a busca de estratégias de re-significar o seu papel, ou seja, se não houver dentro dessa organização uma reviravolta que lhe traga mudanças significativas, continuará sendo vista como um ambiente de sofrimento para todos os sujeitos envolvidos em seu cotidiano, perdendo a credibilidade quanto a execução de sua função primária que é o ensino.

1.3 O Espaço Escolar, seus Atores Sociais.

“Eu queria uma escola que lhes ensinasse a pensar, a raciocinar, a procurar soluções”.

(...)

“Eu também queria uma escola que ensinasse a conviver, cooperar, a respeitar, a esperar, saber viver em comunidade, em união”.

Que lhes dessem múltiplos meios de vocês expressarem cada sentimento, cada drama, cada emoção”.

(Carlos Drummond de Andrade)

Analisar e conhecer o espaço escolar tem sido um desafio para vários profissionais das áreas humanas, sobretudo porque a escola tem grande importância para a difusão do movimento neoliberal nessas últimas décadas. Por outro lado, a escola assume a responsabilidade social de trazer estabilidade e mudança na busca de um padrão mínimo de formação cidadã. A sociedade tem percebido durante as últimas décadas uma necessidade de investigar os atores sociais que constituem a escola. Como espaço de mudança, a escola é também é uma possibilidade de conhecer esses sujeitos então contextualizados nesse cenário necessitando, com uma certa urgência, algo que viabilize a percepção de suas singularidades, lutas e diversidades, visto que há no senso comum o reconhecimento de sua importância e seus benefícios para a sociedade.

Nesse cenário escolar pode-se perceber o quanto essa instituição tem sido vista e analisada pelo valor que tem para a classe dominante, e também para aqueles que acreditam que ainda é possível transformar a sociedade através da escola. Isto possibilita que as práticas desses atores sejam percebidas além de suas dificuldades estruturais tais como: baixos salários e faltam de vagas, preços altos (no caso das particulares), mas também as questões que preocupam a sociedade intensamente como, por exemplo; a existência de professores desqualificados, a violência, a exclusão e evasão etc. Esses sujeitos precisam vivenciar um momento de escuta e dinâmicas grupais, a fim de se perceberem como parte de um grupo e desenvolverem um sentimento de pertence em relação ao outro com quem convive e desse modo re-significar sua atuação profissional na organização através do cotidiano e da prática de “escuta” coletiva entre os sujeitos que formam essa instituição.

Como disse Nóvoa(1996,pág. 66), “as escolas são os espaços de escuta por excelência: escuta dos objetivos políticos do estado, escuta dos objetivos sociais e educacionais dos pais e da comunidade, mas também dos projetos dos professores e dos outros atores educativos, e também, obviamente, escuta dos anseios e das aspirações dos alunos”.

1.3.1 A escola, lugar de escuta.

A escuta como estratégia de intervenção se constitui numa forma de desvelar aquilo que está oculto nas relações pessoais dentro de um espaço complexo como é o caso da escola. Para que esse sujeito que participa desse contexto possa ser percebido como parte de um grupo, equipe, é necessário que este mergulhe na idéia de ouvir o outro, pois, é na fala do outro que este também poderá ser percebido e compreender como este a enxerga. Essa escuta,está relacionada ao que Fernandez(1991) aponta como sendo etapas a serem seguidas pelo psicopedagogo no lidar com o sujeito da intervenção,sendo essas etapas necessárias para se chegar aquilo que está oculto,aquilo que não é dito de forma explícita por parte do sujeito que fala.

Mas a escuta na escola que envolve perceber como esses atores sociais a entendem, deve também perceber como estão situados em suas funções ou papéis assumidos em seu cotidiano, como é o caso do professor e da relação que esse estabelece com o coordenador pedagógico e com o aluno, instituindo e construindo a identidade da organização. Aquele que analisa e intervém a fim de conhecer os fluxos no cotidiano dessas relações, poderá de modo concreto identificar o que ocorre nessas relações subjetivas interpessoais.

Há questões individuais que poderão ser levantadas, tais como: Quem é esse professor? Como ele está? O que espera da escola? Como assume e percebe o seu papel? E quem é esse aluno? O que ele espera da escola? Como age sobre o conhecimento? O que ele será após a experiência escolar? Quais os vínculos dessa relação? Há também questões sobre o corpo de funcionários envolvendo-os no processo de intervenção com as questões coletivas, tais como: Qual a nossa missão? O que esperamos de nossos alunos? O que os nossos alunos precisam para o seu crescimento? Que escola nós queremos ser?. Essas questões levantadas em seu cotidiano trazem inquietações e desabafos que podem tornar-se elementos concretos para a pratica do interventor

A intervenção psicopedagógica, ocupa nesse contexto um instrumento de análise comprometido com o que faz esse ator, a sua prática, e também como está inserido dentro da estrutura dessa organização. A intervenção poderá tornar-se uma saída para o aperfeiçoamento das relações positivas de trabalho e também de amenizar as más relações (exclusões, sabotagens, rejeições) que permeiam o cotidiano escolar e das práticas pedagógicas presentes em sua rotina. Nesse espaço múltiplo em relações profissionais e pessoais há o que se perceber também sobre o que permeia essas relações grupais e vinculares dentro dessa estrutura social. Cabendo ao que escuta não se misturar com o seu objeto de pesquisa e mantendo uma saudável distância entre o que se quer perceber e aquilo que se pode intervir.

Quando se está inserido numa instituição, num papel de interventor, entende-se que a ética necessária para mediar as relações existentes na instituição prevê um contato de proximidade com esses sujeitos que compõem a instituição, mas em contrapartida não misturar a função de quem está intervindo com quem está participando ativamente da vida da organização, caso contrário haverá uma quebra dessa intenção, desembocando num desgaste por parte daquele que a princípio deveria possibilitar a abertura para uma nova organização surgir. Nesse contexto, a intervenção num ambiente escolar, pois, uma intervenção mexe com questões muito complexas, por tratar-se de uma organização movida por alunos, professores e gestores, ou seja, pessoas que exercem funções, práticas totalmente diversas e posturas opostas entre si.

Solé(2001,pág.136) afirma que as instituições educacionais estão sujeitas a inúmeras modificações :*As inúmeras modificações que forçam a capacidade de adaptação e de resposta a diversos problemas novos,para os quais se requer,muitas vezes uma observação mais distante,um assessoramento específico*.

É a partir dessa perspectiva, que a intervenção psicopedagógica na escola vai além das questões de cargos e funções,mas prevê as relações subjetivas como foco também de intervenção,sobretudo pela busca de estruturar e tornar mais competente a equipe pedagógica que estará lidando com os alunos e com demais atores sociais do ambiente organizacional. O termo “intervenção psicopedagógica”é bastante utilizado por diversos estudiosos que atuam na área das ciências psicológicas e humanas em geral. Entretanto a concepção do termo aqui usado apóia-se na proposta do livro de Isabel Solé(2001),

2. ESCOLA, ESPAÇO DE INTERVENÇÃO

2.1 A Intervenção Psicopedagógica

Para realização de uma intervenção psicopedagógica, é necessário que o interventor tenha total compreensão do que está sendo seu objeto de estudo e ser sensível à análise daquilo que será focalizado em sua intervenção. Sole(2001;pág;26).

“a intervenção psicopedagógica é um conjunto articulado e coerente de tarefas e ações levadas a cabo pelos psicopedagogos, em colaboração com os diferentes sistemas e agentes da escola e de ações que tendem promover um ensino diversificado e de qualidade, dando atendimento aos diferentes usuários. Essas ações podem situar-se em diferentes planos relacionados entre si, sendo estes organizacional, de coesão Institucional e o de vinculação da instituição com o seu ambiente.”

Dentro dessa esclarecedora reflexão acerca do agente interventor e de sua ação, cabe na atividade interventora pesquisar e aprofundar o aspecto que diz respeito à coesão institucional, ou seja, na construção da identidade dessa organização. Em termos funcionais, para a instituição educacional, a tensão e a necessidade de encontrar um equilíbrio entre a estabilidade e mudança são cruciais, pois determina tanto a possibilidade de continuidade e o aproveitamento da própria história de estabelecimento (o que inclui a sua cultura, a sua estrutura, o seu funcionamento, o uso dos recursos, sua interação com o ambiente), quanto a necessária plasticidade e capacidade de adaptação da instituição, em seu conjunto, aos desafios que sua condição de empresa e sua complexidade a obriga a enfrentar. Compreendendo e intervindo nessa rede de relações pré-estabelecidas que o profissional da psicopedagogia desenvolve sua atuação.

Com base nessa conceituação, e nos estudos sobre vínculo proposto por Pichön-Riviére (1996) e sua contribuição para a psicologia social, o processo de intervenção psicopedagógica nessa instituição escolar, visar a construção de sua identidade e nortear os agentes participativos desse processo, através das relações vinculares. Desse modo é fundamental estabelecer uma relação de proximidade da teoria do vínculo e o trabalho com grupos operativos como ferramenta da intervenção psicopedagógica proposto por Pichon.

2.2 A escola como organização articuladora dos vínculos interpessoais

Embora a lei seja a mesma para todas as escolas no que concerne às propostas curriculares, compreendem-se as diversas escolas, como organizações estruturadas de modo diferentes quanto a suas regras e valores, mesmo que as variáveis de funcionamento seja parecidas, tais como: história, titularidade, etapas às quais dirige sua situação, cultura etc. Isso implica que, a intervenção psicopedagógica deve prever, uma análise institucional interior a intervenção, de modo a garantir as condições favoráveis ao processo de intervenção.

É nesse sentido que a escola pode e deve cultivar os valores humanos, possibilitando a articulação entre a diversidade dos projetos individuais e os apelos a projetos coletivos, nascidos de seu cotidiano ou da comunidade da qual fez parte, sendo essa articulação sua principal tarefa. Como disse Machado(1997,pág:42)

“A escola deveria organizar-se de modo a favorecer, cada vez mais”, a construção e o desenvolvimento das personalidades individuais, a descoberta o respeito e o reconhecimento do outro a aceitação da diversidade de perspectivas e projetos, individuais ou de grupos, a convivência frutífera com as diferenças, as contrariedades, as complementaridades.(...) É ainda a escola um espaço apropriado para o exercício da autoridades sem a perda da ternura, para a vivência da fraternidade entre personalidades diversas, em interesses, em saberes, em poderes, como é o caso da relação, sempre assimétrica, entre alunos e professores”

Compreender-se-á, que a escola como “lócus” desses antagonismos, poderá sofrer uma resistência ao experimentar a sensação de ser “dissecada” de ser analisada com a intervenção psicopedagógica. Pois através das práticas desencadeadas com a intervenção, e o surgimento de um certo desequilíbrio, porque provoca naturalmente reflexões sobre determinados aspectos que estão desarticulados. Porque evidencia que decisões passadas foram tomadas precipitadamente, porque questiona mesmo sem a intenção específica práticas habituais. Esses “desequilíbrios”, só poderão tornar-se algo positivo para a articulação do projeto organizacional se a intenção puder incorporá-lo como algo que pode fazê-la evoluir, mas que não irá desestabilizá-la excessivamente e desse modo levando a diferentes sujeitos perceberem que a intervenção é uma possibilidade para mudanças.

Mas o que caracteriza uma organização escolar? Qual é o seu perfil? Em que está estruturada?Quais os seus conflitos?

O biólogo chileno Humberto Maturana(1997,p.33),discute o conceito de organização fundamentado em seu arcabouço teórico , fazendo uma analogia com a educação e especificamente com a identidade e estrutura da escola. Ele afirma que, "é a organização que dá a identidade ao organismo; mesmo que sua estrutura mude,a relação interna dos elementos mantém-se ao longo da vida". A escola que temos é, portanto um espaço organizado, com grupos distintos, programas e rotinas, não sendo possível concebê-la sem antagonismos os quais geram conflitos permanentes.

Conceber o conhecer-viver nas relações, no convívio, como produto/produtor de novos conheceres-viveres e do espaço das relações onde este se dá implica em pensar a organização do ensino de modo que privilegie o convívio como espaço denso desse viver-conhecer. No agir comum da sociedade contemporânea, que guarda a noção de organização como sinônimo de compartimentalização, esta organização que pressupõe autorias no ato de conhecer-viver pode parecer um tanto difícil. Num primeiro momento a noção de autoria pode parecer-se com espontaneísmo. A primeira concebe o sujeito como virtuoso no seu dizer sobre o mundo. A segunda considera, simplesmente, qualquer dizer como válido por si, incorrendo no mesmo equívoco do absolutismo.

Esse enfoque diferenciado sobre os processos educativos compreende uma complexidade de fatores que intervêm no momento mesmo do conhecer e do sistematizar esse conhecimento. A história do observador que olham o fenômeno; a história do fenômeno até o momento mesmo da observação compreensão de quem o observa; a história, as condições e circunstancias do educador que propõe o processo de encontro entre o conhecedor e o fenômeno. Para Maturana (1997,p.33) diz sobre o papel do educador que :

"os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao ser educados no educar".
Em vista disso o educador/a também é um auto-observador constante de si e suas ações na ação educativa.

2.2.1 A organização escolar e as relações grupais

Enxergando a organização escolar, através dos estudos complexos propostos por Pichön Rivière(1996), pode-se entender como o trabalho de grupo,para o grupo e em favor do grupo e sua identidade,são extremamente importantes para a saúde e convivência de suas relações. Essa capacidade de ser grupo e ao mesmo tempo indivíduo foi compreendida por Freire(1992) em seu estudo acerca da obra de Pichön-Rivière de forma muito complexa e pode a luz de uma vasta experiência de formação aplica e interpreta sua teoria, através do trabalho do espaço pedagógico (espaço de formação continuada de professores em São Paulo) realizando atividades intensas com a abordagem “pichoniana’ desvelando o que há implícito e explícito em sua proposta teórica. Freire tem sido uma articuladora prática e teórica para os estudos acadêmicos e formativos em Pichön(1996).

No trecho transcrito a seguir, entende-se a sua abordagem e visão sobre o que caracteriza e constitui um grupo desde a sua construção até as suas dinâmicas. Freire (1992;pág.36) diz:

“Um grupo se constrói através da constância da presença de seus elementos, na constância da rotina e de suas atividades”.

Um grupo se constrói na organização sistematizada de encaminhamentos, intervenções por parte do educador, para a sistematização do conteúdo em estudo.

“ Um grupo se constrói no espaço heterogêneo das diferenças entre cada participante: da timidez de um, do afobamento do outro;da serenidade de um;da explosão do outro;do pânico velado de um,da sensatez do outro;da seriedade desconfiada de um;da ousadia do risco do outro;da mudez de um;da tagarelice do outro;do riso fechado de um;da gargalha-__da debochadas do outro;dos olhos miúdos de um,dos olhos esbugalhados do outro;de lividez do rosto de um ;do encarnado do rosto do outro.”

“ Um grupo se constrói, construindo o vínculo com a autoridade e entre iguais”.

“Um grupo se constrói no trabalho árduo de reflexão de cada participante e do educador”.

No cenário da escola como organização, esse trabalho de intervenção ganha uma maior importância quando, entende-se as conseqüências de um ambiente saudável e favorável ao desenvolvimento sócio-emocional e intelectual de seus educandos, visto que a atividade fim de uma instituição de ensino é levar cada um de seus alunos a aprenderem e chegarem ao melhor grau de escolarização para o desempenho profissional futuro, a produção em seu mercado de trabalho,e por que não dizermos que também para crescer e sentir-se capaz de estabelecer relações com o mundo além dos muros da escola.

Desse modo, não propiciar esse ambiente re-significado aos educandos, sem que haja por parte da instituição uma nova forma de perceber as mudanças sociais ocorridas na escola, no mundo e conseqüentemente nos indivíduos que estão inseridos nesse contexto, é impedir que uma nova identidade seja sufocada pelos medos, marasmos e comodidade daqueles que não ousam transformar o “hoje doente num amanhã saudável”. Um dos aspectos relevantes para compreender com mais profundidade a dinâmica institucional que, com maior ou menor intensidade, interfere nas relações diárias dos sujeitos que trabalham dentro dela é a forma como essa instituição está estruturada, ou seja, de que modo esses sujeitos estabelecem vínculos em torno dessa tarefa grupal. Há uma diversidade de propostas desses espaços e de como estão configuradas.

Na esfera social, todos aqueles que compõem a instituição, sejam elas públicas ou privadas estão no contexto de agrupamento e em especial, no caso da organização escolar, pois referindo-se as contribuições de Libâneo que em seu livro ‘A Organização e Gestão da Escola’, aponta que essa organização está constituída de um espaço de aprendizagem cultural cheio de dinâmicas intensas a partir dos alunos e também dos professores, merendeiras, coordenadores, uma vez que fazem parte do mesmo contexto. Contudo, ressalta que cada sujeito situado no contexto institucional é dotado de sua subjetividade, de sua história de vida, carregando em si para o espaço coletivo as marcas de sua identidade, formando esse ambiente carregado de intersubjetividades onde o vínculo se torna o eixo norteador dessas relações na cultura organizacional. Como disse Maturara (2002.pag.196):

“A intersubjetividade é quando ambos concebem em um espaço social. Para eles, é inimaginável um ser humano alheio à experiência com outro ser humano. A adaptação e a sobre vivência humana não seriam viáveis em um espaço isolado de outros homens. Como mamíferos, somos projetados para um contato”.

Portanto, as dificuldades e problemas que encontramos nas instituições (e com mais heterogeneidade na escola) são conseqüências concretas relativas às suas finalidades explícitas, em interação com o que podemos chamar de finalidades implícitas. São portanto, os desejos e conflitos das histórias de vida desses sujeitos que são manifestas na convivência de grupo, trazendo desse modo a formação de vínculo ou a quebra destes com o outro. A complexidade da situação é evidente, pois quaisquer que seja nossa posição na hierarquia institucional têm objetivos a serem alcançados e tarefas a serem cumpridas e o que ocorre é que muitas vezes faz-se valer de um modo ou de outro, algumas necessidades internas que vão à direção contrária ao outro, causando os diversos tipos conflitos.

Nessa disputa entre forças, a instituição encontra um equilíbrio mais ou menos saudável, isto é, mais ou menos sensível às reais necessidades da própria instituição.

É importante perceber que apesar da existência “necessária” dos conflitos, a instituição que pode ser considerada saudável não é aquela que não apresenta conflitos, ou seja, a saúde está no modo como essa instituição se mede pela capacidade de enfrentar e manejar os conflitos, e não de evitá-los.

As instituições em geral, não estão familiarizadas com a visão e o conhecimento sobre o trabalho em grupos, sendo a escola uma instituição extremamente carente dessa abordagem. A falta de um profissional preparado e com tempo para propor, sistematizar e desenvolver a reflexão e a ação educativa voltada para a intervenção e formação de vínculo, entendendo que a formação de vínculos repercute numa reorganização interna e externa da instituição, a expõem as mais diversas doenças grupais. Contudo entende-se que não há nenhuma instituição que se confronta com apenas um tipo específico de conflito, mas as diversidades de sujeitos e de suas histórias formam a diversidade de conflitos, que podem participar de um mesmo eixo interventivo. As relações desiguais e autoritárias, diferentes níveis de envolvimento com o trabalho e com a instituição, competitividade, diferentes concepções de ensino são constantes e, em geral, motivadas por questões que envolvem sentimentos de amor e ódio, hostilidade, ciúme, sentimentos de culpa, inferioridade, narcisismo, entre outros.

A identificação dos diversos conflitos permite que o foco do trabalho possa ser direcionado adequadamente, evitando o fracasso certo de atividades muitas bem planejadas, mas pouco pertinentes para determinados contextos. Por meio da intervenção nas relações e da concretização de seu plano de trabalho, cabendo ao interventor instrumentalizar o grupo para manejar os conflitos que se apresentam na instituição, favorecendo desse modo, o processo de amadurecimento e a construção de uma nova identidade da organização. Em síntese, “o projeto de trabalho do interventor deve também se ancorar nos sujeitos reais que, com suas demandas e dinâmicas pessoais, emprestam vida à instituição” Sole(2001,pg.121)

2.2.2 Proposta para uma intervenção institucional

A realização de uma elaboração de um projeto de intervenção, exige um conhecimento prévio da organização e de seus participantes. Para fazer uma proposta faz-se necessário a construção das etapas do projeto, buscando estabelecer os alvos a serem alcançados com suas respectivas instâncias. Desse modo, o projeto de trabalho aqui apresentado é um projeto piloto que visa apenas estabelecer uma sugestão e contribuição a uma organização escolar que tem procurado investir em sua equipe de professores especificamente, para que através dos professores outros grupos de funcionários venham a ser contagiado com uma nova cultura organizacional e possibilitando com isso, uma reconstrução de sua identidade institucional. Esta intervenção será feita por uma escola de ensino particular em Fortaleza mantida por uma fundação, cujo trabalho desenvolvido desses últimos anos foi comprometido por instabilidade financeira e a falta de liderança pedagógica.

Para a realização do trabalho proposto, houve uma busca por informações através de relatos de experiências de outros profissionais que atuam como psicopedagogos em determinadas instituições com um perfil similar a instituição desejada. Essas contribuições, permitiram com que algumas atividades sugeridas fossem adaptadas nas estratégias elaboradas para a escola, sobretudo por não ser uma empresa que tem como atividade o comércio ou indústria, mas ao contrário disso, a prestação de serviços, o que implica dizer que tem uma necessidade ainda mais importante de trabalhar para um ambiente saudável das suas relações.

A realização de um trabalho voltado para intervenção na escola, deve-se ao fato de que nem sempre o aluno ou o professor estão no foco e análise do interventor, mas as suas relações interpessoais e os conflitos que essas propiciam nesse ambiente permitindo com isso uma nova perspectiva para a intervenção psicopedagógica.

2.2.3 Identificando a Instituição sugerida

A Escola é uma instituição de ensino particular de Fortaleza que atende desde a educação infantil ao 3ºano do ensino médio. Há informações históricas sobre essa instituição que são relevantes para que haja uma compreensão necessária sobre a procura pela intervenção. A seguir a trajetória institucional do colégio e seus valores.

Missão

"Educar pessoas, em parceria com suas famílias, através do desenvolvimento do raciocínio, do senso crítico e de convicção moral cristã baseada em princípios bíblicos, para o exercício pleno da cidadania".

O colégio foi fundado em 1988 por um grupo de pais, educadores, executivos, cientistas, pastores e outros profissionais, todos membros de uma mesma igreja que se reuniam periodicamente para discutir os problemas da Educação brasileira.

Como primeiro projeto da Fundação, uma entidade sem fins lucrativos, o Colégio foi criado para ser uma escola-modelo "sem donos", tendo iniciado suas atividades em 1989, com turmas de Maternal, Jardim, Alfabetização e 1ª série.

Crescendo ao ritmo médio e modesto de uma série ao ano, hoje o colégio já oferece da Educação Infantil ao ensino Pré-Universitário. Pela coerência entre a proposta pedagógica e o trabalho realizado nesses últimos anos, tornou-se reconhecidos no país, e até mesmo no exterior, como uma escola de referência, voltada para uma educação de alto nível.

Busca-se equilibrar, de maneira excelente, os principais enfoques considerados contrários e quase inconciliáveis pelos verdadeiros educadores, como:

Outras Escolas	X	Instituição pesquisada
Preparo para o vestibular		Preparo para a vida profissional e para a universidade
Conteúdos extensos e pouco reflexivos		Desenvolvimento do senso crítico e da capacidade de pensar
Ênfase na memorização		Ênfase na compreensão
Educação massificada		Investimento na formação do caráter e construção de valores

“ Quando o colégio começou sua trajetória, foi criado o slogan **Educação Integral para a Vida**, enquanto quase a totalidade das escolas ostentava lemas sobre vestibular. Hoje, a maioria dos colégios passaram a usar o vocabulário moderno, e na frente de qualquer estabelecimento educacional pode-se encontrar faixas do tipo “Educando para a Vida”, ou “Educação Integral” ou “desenvolvendo habilidades e competências”. Entretanto, uma breve olhada na prática pedagógica de cada escola mostra que a grande maioria ainda continua exatamente como sempre foi, adepta da fácil e lucrativa “educação mecânica e massificada”. Muda-se o discurso, mantêm-se as mesmices.

Para aqueles que percebem os rumos do novo modelo de sociedade que funciona atualmente, a experiência desse projeto revela que é possível conciliar a excelência acadêmica com uma educação para o pensar, um currículo extenso com uma formação verdadeiramente integral. Foi para isso que foi criado o projeto pedagógico dessa fundação. É isso que tem sido feito desde 1989.

A necessidade de uma intervenção psicopedagógica surgiu quando, as mudanças decorrentes das funções de gestão que foram alteradas, desencadeando típicos conflitos em situações de grupos, assim também como uma “crise” de origem financeira (em virtude do alto índice de inadimplência) comprometendo assim a organização nas relações inter-pessoais existentes na instituição. Nesses últimos anos, o corpo docente, bem como demais funcionários

têm sofrido com a perda de alguns benefícios outrora recebidos pela mantenedora da escola, tendo sido reduzidos por causa das dificuldades econômicas.

Nesse contexto, é quase uma fatalidade para a instituição manter viva a chama do compromisso, motivação e prazer em estabelecer no ambiente profissional um espaço de estabilidade, quando há por parte de um determinado grupo de funcionários um “desapego” e insegurança na instituição. Além disso, o colégio, enfrenta hoje por parte de sujeitos externos e internos, um preconceito por ser identificado como o lugar de “restauração” de alguns alunos ditos especiais por assumir desde a sua fundação o projeto de inclusão e acolhida de crianças e jovens rejeitados por outras instituições de ensino, quase sempre por portarem algum tipo de necessidade especial.

Apesar da crise financeira que avassala as escolas particulares em quase todo o Brasil e das pressões ocorridas na rotina dessa instituição, o colégio conta hoje com uma estrutura organizacional composta por aproximadamente 65 professores, 40 funcionários em outros setores. Paradoxalmente essa situação, é uma empresa em que sem dívidas constituídas e com um excelente patrimônio e estrutura física encontra-se numa busca de ter que melhorar seus serviços sem muitas condições de vivenciar novos investimentos a fim de melhorar sua capacidade, porém num cenário de “desmotivação” espalhado numa cultura organizacional que atinge as mais diversas escolas. Cabe ressaltar, que as informações pertinentes as questões financeiras foram extraídas de questionários, rodas de conversas e reuniões individuais com os sujeitos de diferentes funções da instituição.

O colégio tem priorizado nesses últimos anos fazer investimentos que estejam voltados para a capacitação e intervenções no processo de formação de sua equipe pedagógica, objetivando com isso, reconstruir um ambiente mais qualificado em sua estrutura organizacional (incluindo professores, estagiários e a gestão) a fim de valorizar e possibilitar a seus atores sociais um contexto de melhor aproveitamento de melhor competência de sua equipe docente, sendo esses os principais reprodutores da saúde emocional na escola, visto que são também os principais comunicadores de questões implícitas e explícitas ao educando. O colégio tem uma excelente reputação enquanto instituição educacional tanto para pais, como alunos e para professores e doutores das mais diversas universidades e cursos de pedagogia na cidade de Fortaleza, por manter em meio a crise existente um constante projeto de formação continuada de professores e pesquisas realizadas por outros profissionais da educação dentro da própria escola, o que implica num ganho significativo para a escola o realizar a intervenção.

O trabalho de intervenção psicopedagógica é parte de um conjunto de ações determinadas pela nova gestão, para resgate da identidade organizacional da escola, possibilitando condições para restabelecer uma nova cultura organizacional frente aos desafios encontrados em seu percurso enquanto instituição não filantrópica.

2.2.4 Projeto experimental com estratégias de Intervenção

Após o estudo de diversos autores (Freire,1992),Pichon –Riviére(1998), Libâneo(2001), Solé (1998) acerca de procedimentos de intervenção psicopedagógica na instituição, cabe especificar as estratégias desenvolvidas e trabalhadas dentro do espaço escolar do colégio ressaltando que a intervenção vem ocorrendo desde o período de janeiro de 2004 com uma mudança em sua gestão pedagógica,

Uma primeira estratégia pode acontecer através de um mergulho na rotina da escola, sendo possível estabelecer como observador um primeiro contato com gestão e ouvir através de uma escuta suas expectativas acerca da intervenção psicopedagógica, desse modo, percebe-se suas pretensões, queixas e concepção a respeito do papel do interventor. Depois desse primeiro passo, faz-se necessário um contato com a equipe docente em diversos espaços da escola (pátio, recreio, reuniões, salas de professores) etc. Esse contato, embora “superficial”, pode acrescentar além da escuta o olhar*, e fazer uma ligação sobre as identidades(subjetividade) da escola do seu grupo gestor e docente.

Após esse momento de maior aproximação com esses sujeitos, houve a necessidade de enxergar um grupo muito especial que está movimentando a escola que são os alunos. Como educador e cidadãos em formação é importante buscar compreender como esses alunos vêm e se sentem como parte de um contexto escolar. Após esse período de observação.Uma outra etapa será o apropriar-se do diagnóstico (situação daquele momento) da escola. Em busca de levantar dados ainda mais específicos sobre a cultura local, será oportuno estabelecer nesse período “o quando”, “o como” e “com que” será realizado esse processo de intervenção, e com quais ferramentas de intervenções o trabalho

psicopedagógico poderá ser realizado, avançando rumo ao objetivo primário que é o resgate de sua identidade.

Cabe ressaltar que, a partir dessa nova etapa, é fundamental um planejamento bem feito a fim de chegar a mudanças significativas para a instituição, sem que com isso venha trazer “desequilíbrio” nas relações já existentes. Sendo esse o mais complexo desafio, como disse Solé (1998):

“O exercício da psicopedagogia é tão complexo: por um lado, porque na própria definição do assessoramento está implícito o termo mudança e, por outro porque se essa mudança não for cuidadosamente dosada e realizada pela instituição poderá provocar um efeito negativo, contrário do esperado com a própria intervenção.”

Para compor um planejamento voltado a realidade percebida na instituição pesquisada, faz-se necessário considerar os aspectos subjacentes ao “clima” estabelecido no contexto grupal decorrente de insatisfações e resistências as propostas de mudanças que já estão ocorrendo na gestão atual da escola. A partir da compreensão do diagnóstico realizado numa distância relacional de seus atores sociais (pais, alunos, funcionários, professores etc) determina-se o como de trabalhar as relações que envolvem os diversos grupos que compõem a instituição.

A partir da proposta de intervenção desenvolvida por Fernández (1991), quando direciona o saber psicopedagógico a partir de duas vertentes. Ela diz:

“O saber psicopedagógico se obtém a partir de duas vertentes da experiência ‘mergulhando na tarefa’, e através do tratamento psicopedagógico didático”.

“Posicionando-se como observador ou como juiz é muito difícil contactar com o saber”.

Embora Fernández(1990) , esteja nesse contexto se colocando como psicopedagoga na relação com um sujeito num espaço clínico, a idéia de usar o seu saber psicopedagógico utilizado por ela para intervenção individual em seus diversos livros, é totalmente possível transpor suas contribuições da intervenção individual para uma experiência coletiva, quando no coletivo também o sujeito tem a sua individualidade. Nesse sentido, sua contribuição torna-se parte norteadora das etapas de construção do planejamento para intervenção psicopedagógica aqui proposta.

Fernández(1992,p.38) apresenta um direcionamento para a prática da intervenção psicopedagógica seguindo um procedimento que viabilizará o acesso a intervenção, ,pois ela afirma que “ o escutar vai além daquilo que se vê”(1990,pág.38), ou seja, escutar traduz-se numa atitude de percepção, de olhar se permitir ir além daquilo que não está sendo dito. O discurso proveniente da voz (narrativas) mas também da expressão do corpo das formas metafóricas , das imagens colocadas nesse discurso. Perceber as fraturas que ocorrem nesse discurso com as histórias que se referem ao passado, as omissões, as negações, os “nãos” que fazem parte desse repertório discursivo são experiências que deverão ser despertadas como muita riqueza e propriedade ao interventor.

Embora os estudos de Fernandéz(1992), Freire(1992), Riviére(1996), Davini(1992), Novoa(1996), Libâneo(2001) e outros que fazem estudos e publicam livro sobre suas experiências com cotidiano escolar ,tenham sido consultados para esta proposta ser planejada,houve uma necessidade específica de desenvolver o trabalho proposto a partir da abordagem teórica e prática de Riviére(1996).

3. Pichön - Riviére , grupos operativos e a Teoria do vínculo para compreender a organização escolar

“ A principal tarefa de um grupo operativo é a solução de situações estereotipadas e a obtenção de mudanças”

Pichön- Riviére

3.1 Histórico sobre Pichon e a abordagem de grupos Operativos

Enrique Pichön Riviére nasceu na Suíça, em 1907, tendo vivido na Argentina e lá produziu sua obra, conquistando uma destaque especial em relação a outros psicanalistas argentinos. Seu grande interesse em psicologia social, o tornou mais conhecido por seus trabalhos com grupos operativos e o lançou num contexto mundial de aceitação em sua teoria, também conhecido como “**teoria do vínculo**”, que redundou em diversos livros publicados em diversos países. Além disso, sua teoria tem sido difundida entre diversos campos de pesquisas nas ciências psicológicas e sociológicas, revelando uma diversidade de interpretações e de contextualizações nas ciências humanas em geral, sobretudo na psicologia social que revelou sua contribuição mais enfática.

A abordagem de grupos operativos e a teoria do vínculo em Pichon podem levar os leitores e pesquisadores a compreenderem as implicações e características de grupo, sendo uma abordagem de intervenção e também de conhecimento sobre a dinâmica que envolve um grupo e seus atores. Para Pichön - Riviére(1996,pág.84) “o mundo interno está definido como um sistema em que acontecem co-relações de objetos e sujeitos, numa constante realimentação enquanto acontece a relação com o meio, num paradoxo em que as manifestações de saúde e doenças são compreendidas de forma subjetiva”.

Nesse sentido, ocorre naturalmente uma reciprocidade de aprendizagem, em que quando um sujeito ensina outro aprende e ao mesmo tempo estão em consonância com uma dinâmica ora externa, ora interna. Na busca de compreender a dinâmica da instituição pesquisada, será necessário uma explanação dos pontos principais da teoria de Pichön - Riviére, visando um melhor entendimento sobre a necessidade de análise dos pontos que são pertinentes a uma instituição e sua identidade.

No livro, o *Processo grupal*, editado em 1980, com artigos de anos anteriores, o próprio Pichön diz:

“As relações intra-subjetivas, ou estruturas vinculares internalizadas, articuladas em um mundo interno, condicionarão as características de aprendizagem da realidade. À medida que a confrontação entre o âmbito do intra-subjetivo”

“Seja dialética ou dilemática, essa aprendizagem será facilitada ou obstaculizada. Ou seja, dependerá de que o processo de interação funcione como um circuito aberto, como uma trajetória em espiral, ou como um circuito aberto, como uma trajetória em espiral, ou como um circuito fechado, viçado pela estereotipia (...)”

Os grupos operativos estão configurados para Pichön dentro de um esquema conceitual, referencial e operativo que ele denominou de ECRO, apresentando as características dialéticas de ensinar e aprender numa perspectiva formada em um espiral simbolicamente representado por um *cone*, ou seja, nesse grupo ocorre uma adaptação ativa por parte do integrante grupal, com condições emocionais e sociais de assumir diversos papéis, e /ou, abrir mão de rejeitar determinados outros papéis dependendo do seu momento interior e desenvolver também o sentimento de pertença, ou de cooperação na relação com o grupo contextualizado. Outra característica dos grupos operativos fundamentados por Riviére(1996) é a tarefa grupal, que diz respeito a uma meta, ou objetivo que se distribui a todos os participantes do grupo sem que seja necessariamente anunciado por um agente hierárquico. Está para o grupo como uma missão daqueles que partilham de sua convivência e interação dentro de uma mesma dinâmica grupal. Essa tarefa está proposta ao grupo de duas formas, ou seja, há dois sentidos em que se apresenta, sendo estas implícitas (interna e subjetiva ao sujeito) e explícita (externa ao sujeito, em comum ao grupo), porém, de modo também subjetivo.

Analisando a visão de Pichön-Riviére acerca das dinâmicas grupais, pode-se compreender o que vem a ser a importância do vínculo nas relações subjetivas, possibilitando também ao interventor saber como lidar com esse grupo em sua complexidade, pois, segundo Riviére(1996), “o vínculo diz respeito a uma estrutura macro e complexa que inclui um sujeito, um objeto e sua representação mútua, dentro de um processo de comunicação interna e externa e aprendizagem”. Pressupõem também, a existência de um agente emissor e de um agente receptor, ou seja, de um que codifica e de outro que decodifica uma mensagem.

É nesse sentido que o vínculo assume uma função “bicorporal e tripessoal”, porque há uma presença internalizada, que ora pode ser positiva e ora poderá ser negativa e está subtendida em todas as nossas vinculações (Pichön-Riviére,1995 p.182) ”.

É com base em Riviére(1995) e suas conclusões sobre o fenômeno que envolve as relações grupais que é possível encontrar condições favoráveis a compreensão e intervenção na instituição escolar a ser pesquisada. Dentro do arcabouço teórico de Riviére , utilizar as estratégias para atuar na realização de uma análise do seu quadro grupal, sua identidade e construções vinculares dos diferentes sujeitos que participam nos grupos que estão em atividade na organização poderá ser a condição de se estabelecer um parâmetro de co-relação dentro dos diversos grupos e a coerência de suas tarefas explícitas e implícitas, bem como suas dificuldades e contradições.

Estabelecer uma análise investigativa numa instituição exige que o investigador tenha um conhecimento científico e experimental sobre aquilo que irá ser motivo de intervenção. Desse modo, é necessário compreender o que está sendo percebido e o que está sendo pesquisado, visto que a análise realizada em questão diz respeito à construção da identidade de uma instituição e organização escolar. Depois de serem pontuadas algumas características desse cenário organizacional nos capítulos anteriores, faz-se necessário nesse capítulo a fundamentação teórica do que é considerado vínculo e como usar essa ferramenta subjetiva em resgate da instituição como uma proposta a ser considerada na nova gestão.

É importante ressaltar que, essa abordagem de Pichon-Riviére pode ser desenvolvida como resgate de um conjunto de outras relações em diversos grupos,não estando restrito apenas ao contexto escolar,mas em qualquer contexto em que haja abertura para ser explorada as relações pessoais e subjetivas com o outro,independente de seu meio social. Portanto,não há uma determinação de que o trabalho será desenvolvido para se chegar a uma conclusão específica,mas inúmeras outras conclusões inesperadas pelo agente interventor sendo este alguém que tenha um olhar mais distante,como diz Solé(2001,p.115).

“As instituições educacionais estão sujeitas a inúmeras modificações que forçam sua capacidade de adaptação e de resposta a diversos problemas novos,para os quais se requer,muitas vezes,uma observação mais distante,um assessoramento específico”.

3.2 A aplicabilidade e intervenção a partir de Pichon -Riviére

Para aplicar a intervenção na instituição com base em Pichon-Riviére(1996), o planejamento deverá ser feito seguindo uma seqüência didática visando o contato, as atividades, encaminhamentos e os resultados. A partir das questões elaboradas anteriormente em sintonia com Solé (2001,p.85) e Fernández (1992,p.99).

O processo de intervenção ocorrerá nas oportunidades previstas no calendário e rotina da escola, sendo possível estabelecer uma melhor aceitação por parte dos envolvidos no processo, uma vez que, não haverá um trabalho a mais ou específico que venha sobrecarregar a jornada de trabalho de funcionários e professores.

O quadro abaixo explica o formato e plano sugerido com algumas atividades de rotina da escola, demonstrando quando será viável a conexão para uma “intervenção na rotina”.Entretanto,as atividades poderão ser modificadas após o momento de análise sobre o grupo e com isso outras poderão ser acrescentadas.

INICIO DAS ATIVIDADES:	OBSERVAÇÃO E COLETA DE DADOS
Atividade 1	Apresentação do projeto em reunião por seguimentos (ed. Infantil ao Ens.médio)
Atividade 2	Roda de conversa sobre o ano letivo e as estratégias de intervenções nas reuniões pedagógicas
Atividade 3	Apresentação da dinâmica dos brasões sobre as histórias de vida (metodologia extraída do livro “Rodas em rede”Cecília Warschauer”
Atividade 4	Leitura e discussão sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto “ Rios sem Discurso”com equipe pedagógica (coordenadores e supervisores)
Atividade 5	Apresentação de um projeto de articulação para os gestores a fim de aproximar os diferentes professores de setores alternados.
Atividade 6	Grupo de estudos começando com a leitura do livro de Cecília Warschauer “ A Roda e o Registro”dando ênfase a roda e o olhar ao outro na prática docente.
Atividade 7	Elaboração e apresentação de estudos dirigidos para os professores nas reuniões pedagógicas.
Atividade 8	Reestruturação dos eventos pedagógicos envolvendo a divisão de tarefas para os diversos componentes do grupo.
Atividade 9	Reflexão e discussão sobre um filme intencional “Respingos” para produzir no grupo as trocas de opiniões e leituras realizadas
Atividade 10	Palestras e provocações causadas pelo professor, pesquisador e diretor da Escola da Ponte – Portugal. José Pacheco(como alguém de fora que pode trazer outras intervenções agregando um efeito provocador nos grupos existentes .
Atividade 11	Estudo dirigido no grande grupo sobre “indisciplina” na escola a partir do livro de Celso Vasconcelos.
Atividade 12	Curso sobre a abordagem de Pichon Riviére e grupos operativos com

Para Pichon-Riviére (1998) o vínculo é constituído pelo encontro de representações internas, que unem o sujeito a seu objeto. Ele afirma que:

“Vínculo primeiro que o sujeito possui é da primeira época de vida, e pode ser revivido através de transferência, quando o coordenador do grupo estabelece vínculos com figuras anteriores possibilitando retirar imagens negativas para que ocorra aprendizagem no sentido real (p.34)”.

Será preciso, portanto observar que tipo de vínculo existe no grupo, os papéis vividos pelos membros e principalmente buscar estabelecer uma relação vincular positiva com os componentes para que seja possível conseguir desenvolver um projeto que tenha a aceitação de todos os envolvidos.

Ainda como parte do período de observação, o interventor deverá contemplar uma primeira reunião com a equipe docente e gestora para uma rápida apresentação aos mesmos, do trabalho que será desenvolvido. No decorrer da reunião será observado o seguintes aspecto, quem apresenta um determinado comportamento especificando como se apresenta nesse grupo para que traçado características desse perfil grupal, a intervenção venha apresentar uma configuração de eficácia para o interventor sem que esse venha ser percebido pelo grupo.

A partir daí começar, a intervir nesse encontro com suas diversas ferramentas e a delinear a formação do grupo com o qual irá trabalhar e como será possível agregar novos elementos as observações já realizadas anteriormente. Esta reunião será importante para fornecer algumas respostas sobre o grupo (constituição, medos...) e fomentar novas perguntas.

Segundo a leitura que Davini faz de Bion (1998, p.11).

Por trás de todas formações grupais, três elementos inconscientes se repetem e se alternam, com o objetivo de evitar o desenvolvimento e controlar a ansiedade causada pelo processo de crescer e se modificar. Estes elementos são desejos comuns no grupo como um todo e governam seu funcionamento.

Pichon-Riviére(1998 p. 169 define grupo como sendo:

“Todo conjunto de pessoas, ligadas entre si por uma constante de tempo e espaço e articulada por sua mútua representação interna, propõe-se explícita e implicitamente uma tarefa que constitui sua finalidade”.

3.3. A Construção do Vínculo

Dos primeiros contatos com o grupo, ficará claro ao agente as possíveis dificuldades de um diálogo operativo no grupo, o que sem dúvida gera situações conflitantes e dificulta a realização da tarefa proposta. É importante e necessário, a construção não só de um vínculo com a interventora, mas principalmente os membros do grupo, visto que nos primeiros contatos não se configuram, mas sim um agrupamento de pessoas. É um grande desafio estabelecer a mesma tarefa para todos no mesmo instante, uma vez que a hierarquia das funções já supõe uma distância entre os membros.

Essas atividades planejadas visam abrir as informações biográficas acerca das histórias de vidas dos sujeitos ali presentes, possibilitando um mergulho na fala do outro e daquilo que ele pensa sobre ele mesmo. Desse modo, poderá proposto a confecção de uma linha do tempo pessoal destacando os fatos mais importantes na vida destes e contextualizando esses fatos na cronologia de suas vidas. A atividade deve ser levada a sério por todos os participantes, despertando nestes a auto - apresentação e o manifestar de suas experiências para os outros de forma lúdica e descontraída, com intenções explícitas de fazer com desejo o material a ser exposto ao grupo durante o período posterior.

Essa atividade, poderá tomar por base as repercussões positivas que traz aos indivíduos que farão suas primeiras apresentações, a ênfase na história do “eu”, desencadeando aos membros medos, angústias e necessidades comuns que permeiam suas experiências e narrativas. Nesse momento poderá haver um obstáculo inicial a ser superado que é o vencer a timidez para que haja abertura ao outro. É importante que seja prazeroso participar desse momento, pois isso irá deixá-los com disponibilidade para aceitar as demais trocas e espaços de atuações e acima de tudo oportuno de ser vivenciado.

Pichon-Riviére (1998) afirma que o vínculo configura umas estruturas complexas, que inclui um sistema transmissor-receptor, uma mensagem, um canal, signos, símbolos e ruídos. (PICHÓN-RIVIÉRE -1998, p. 3).

“... a maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento, que chamamos de vínculo”.

Lemos(2000,P.20) apresenta o conceito de vínculo com base na teoria de Pichon-Riviére, lembrando que:

“Vínculo é uma estrutura bi-corporal e tri-pessoal. É uma interação entre duas pessoas (bi-corporal) que ao se relacionarem são afetadas por uma terceira pessoa, ausente-presente na relação(.p.20)

Isto significa que quando o homem se dirige a um outro, costuma antes realizar um diálogo interno em função das fantasias das expectativas que possui em relação ao outro. À medida que acumula experiências também vai incorporando fantasias internas que vem á tona cada vez que conhecer alguém. E acaba reagindo frente a essa pessoa como se esta fizesse parte de um dos personagens que interiorizou.

Para Lemos(2000,P.20)é comum em uma instituição atribuírem-se aos funcionários características tomando por base os seguintes aspectos:

- “Expectativas da instituição em relação a seus funcionários”
- “Papéis atribuídos àqueles que desempenham determinada função”
- “Expectativas em relação aos que ocupam um lugar de autoridade”
- “Expectativas em relação aos diferentes sexos”
- “Expectativas em relação ao profissional em geral”
- “Padrões sociais de comportamento”

O vínculo é uma interação que se apresenta em forma de espiral, fundamentada no diálogo operativo, o qual funciona como estrutura dinâmica e não estática, pois em cada giro há uma realimentação do ego e um esclarecimento do mundo. Quando essa relação é paralisada em decorrência dos medos básicos, a aprendizagem para Pichon-Riviére(1995) apresenta o esquema do cone invertido, visando facilitar a compreensão desse conceito. Na base do cone se encontram os conteúdos emergentes os explícitos; no vértice as situações implícitas enquanto que a espiral gráfica mostra o movimento dialético de indagação e esclarecimento que vai do explícito com o objetivo de explicitá-lo.

Nos primeiros contatos poderá haver dificuldades de diálogo operativo no grupo, o que sem dúvida criaria situações conflitantes e dificultaria a realização da tarefa. É importante, portanto, a criação não só de um vínculo com as estagiárias, mas entre os membros visando ampliar outras relações com os vínculos pré-existentes.

3.3.1 O vínculo e seu eixo para a prática formativa

É através dos processos de introjeção e proteção que os sujeitos constroem o mundo interno.

Uma segunda dinâmica poderá ser a de formar um “Brasão” que permite não só a ampliação do vínculo, mas também a identificação de alguns papéis existentes no grupo. Para a realização da tarefa, torna-se necessário dividir um grupo maior em sub-grupos. Riviére (1998,p.43,) afirma que:

“O grupo estabelece uma relação introspectiva, de forma particular, com objetos particulares, podendo este objeto ser animado ou inanimado,(estabelecendo um vínculo particular entre os componentes do grupo.”

Nesse momento pode-se apresentar a primeira dificuldade, pois estes podem não querer respeitar a divisão estabelecida, mas querem permanecer nos pequenos grupos com as pessoas com quem já tem mais intimidade. Superando a dificuldade inicial, pode-se organizar três grupos, e a coordenação dos grupos ficar com outras pessoas pré determinadas pra isso.

É importante ressaltar que apesar de Freire (1997;p.40) orientar para os subgrupos *“o educador tem a possibilidade de observar e constatar a circulação dos saberes entre iguais que é diferente da forma como se dar no grupo maior”* (p.40). Durante o desenvolvimento da tarefa, à medida que o grupo encontrar dificuldades para execução das atividades e até mesmo para ouvir as sugestões que poderiam levar a solução dos problemas, começará a ficar claro o papel dentro do grupo.

O diálogo poderá ser estabelecido e o vínculo no grupo começar a se fortalecer. O grupo neste momento começa a se constituir enquanto grupo, o vínculo passa a ser racional com situações latentes (medo e angústia) que estão frente ao processo de aprendizagem. Para Riviére (1998) os vínculos irracionais tornam-se racionais e irracionais devendo ser levadas em conta, fazendo valer os graus de esclarecimento e graus de conhecimento dos vínculos importantes para o processo de aprendizagem, que é um contínuo fazer e refazer.

3.4 Grupos Operativos e seus papéis

O grupo operativo está povoado de papéis que são vivenciados de acordo com a relação do grupo.

Segundo as reflexões de Pichon-Riviére a partir de uma análise “jungiana” os grupos possuem uma dinâmica com processos de introjeção e proteção. Essas atividades são representadas pela teoria dos três D: **Depositado** é algo que o grupo, ou o indivíduo, não pode assumir no seu conjunto e o coloca em alguém que acaba por aceitar em decorrência de suas características. Os que recebem os depósitos, são os **Depositários**; os que se desligam destes conteúdos são os **Depositantes**.

Dentre os papéis que se apresentam no grupo, destacamos:

- Porta Voz
- Líder de Resistência
- Líder de Mudança
- Bode Expiatório

Como esses papéis se caracterizam?

O porta-voz é o sujeito mais sensível do grupo para o tema que está em questão, capaz de captar e expressar o depósito (conteúdo implícito) o mesmo é continente e forte para rerepresentar o grupo, mas torna-se fraco. É como se fosse o captador e explicitador de um tema, um mal-estar ou mesmo de uma fantasia. De acordo com a relação do grupo.

Pichon-Riviére(1998-b) assegura que aquilo que o sujeito diz sobre os outros, são juízos que nos permitem investigar os vínculos internos e externos para com objetos e pessoas que são inconscientes .

Em todas as reuniões deverá ser reservado um espaço para os participantes falarem, exercitando a reflexão e análise das questões que permearão os interesses do grupo.

Pichon-Riviére (1998) mostra que não existe relação impessoal, pois os vínculos estabelecidos são em função de vínculos anteriores, que o sujeito possui com sua história e que nesse aspecto se completa com a perspectiva com a análise de Warschauer(2001.p.185) faz acerca da obra de um renomado sociólogo francês Bourdie através de um exercício que faz um levantamento lúdico e histórico da vida de um sujeito e com grupo de trabalho do colégio, é possível verificar que poderão surgir mais de um líder de resistência, pois alguns participantes poderão demonstrar temor as mudanças que começam a se configurar. Há ainda um medo por parte destes participantes de deixarem a zona de conforto onde se encontram para assumirem o desafio que estará sendo lançado,sobretudo pelo receio que o “novo” gera.

O líder de mudança promove a superação de estereótipos e cristalizações; configurando-se como depositário de aspectos positivos no grupo.

Na maior parte do tempo este papel pode ser manifesto contracenando como sujeito otimista e que reforça as esperanças de melhoria de cada um dos integrantes.

O Bode expiatório assume aspectos aterrorizantes do grupo. Conforme Silvia Brinton, ele pode ser subdivido, nos seguintes papéis que se associam a alguns mitos:

- Bode acusador simboliza Azazel, um deus bode dos pastores pré-hebraicos, está relacionado aos instintos eróticos e agressivos Psicologicamente passou a ocupar um lugar de um juiz arrogante, hipercrítico e perfeccionista.
- Bode Imolado representa o sacrificado e injuriado Jeová. Psicologicamente se apresenta dissociado e fragmentado. Experimenta o amor e o ódio.

- Bode errante se apresenta sobrecarregado pela culpa coletiva, e trás consigo a força e a agressão com características masoquistas.

O papel de bode expiatório no grupo é dividido em alguns momentos quando aparece em diversas circunstâncias suas manifestações e que por sua história de vida marca seu espaço no grupo. Geralmente encontra muitas dificuldades em confiar nas pessoas, o que o torna um crítico destacado em relação as demais atitudes dos seus colegas.

A compreensão dos papéis existentes dentro do grupo é de fundamental importância, para se poder conhecer a estrutura do grupo trabalhado. E poder delinear as diretrizes e os objetivos a serem alcançados.

3.4.1 A construção do processo grupal

Como já foi citado anteriormente, o primeiro grande desafio é levar os funcionários (professores em primeira instância), que irão participar do projeto, a se constituírem como grupo. Para isso poderá ser adotada a abordagem desenvolvida com um enfoque em **grupo operativo**. Segundo Pichon-Riviére (1998, p. 169) essa abordagem gera em torno de uma tarefa de grupo que:

“caracteriza-se por estar centrada, de forma explícita que pode ser a aprendizagem, a cura (neste sentido abrange grupos terapêuticos), o diagnóstico das dificuldades de uma organização profissional, a criação publicitária, etc. Sob esta tarefa subjaz outra, implícita, que aponta para a ruptura, através do esclarecimento das pautas estereotipadas que dificultam a aprendizagem e a comunicação, significando um obstáculo frente a toda situação de progresso ou mudança .

A abordagem do grupo operativo permite o desenvolvimento de dinâmicas que levem o grupo a compartilhar experiências, bem como comparar situações ainda não vivenciadas com outras já vividas e, principalmente, trazer à tona “medos” e “fantasmas”, possibilitando o confronto de valores e fantasias, e à medida que isso ocorre, os participantes começam a encontrar pontos comuns que os identificavam. Para Fagali (2000) a construção de uma identidade dá aos membros uma sensação de “continuidade”, de algo que se mantém diante do novo e da mudança que ameaça e provoca medo. Portanto, se o grupo não construir uma identidade, ele se verá ameaçado diante do “novo” e passará a apresentar resistência a todo e qualquer processo de mudança confirmando o que diz Davini (1992, p. 42):

“Cada grupo está no eterno movimento de ir e vir no caminho da mistura, do igualar-se até a diferenciação, na busca de criar uma identidade, onde cada um possa sentir-se reconhecido em

sua singularidade e em sua pertença numa determinada instituição. Este caminho pulsa temporalmente, embora no âmbito lógico, fazendo infinitas combinações entre o eu e o outro”.

3.4.2 A tarefa no grupo operativo

Para a psicologia social a tarefa posiciona-se como uma estrutura de linha de ação. Por isso existem três diferentes momentos: *Pré-tarefa, tarefa, projeto*. Esses três momentos configuram-se num pensar, um sentir e um agir.

A pré-tarefa consiste no desenvolvimento de atitudes defensivas que se apresentam resistentes a mudanças que são mobilizadas pelo incremento das ansiedades de perda e ataque. É durante esse primeiro momento, que se observa um “interjogo” de dissociação do pensar, atual e sentir como fazendo parte dos mecanismos defensivos que atuam no momento da pré-tarefa. Esses mecanismos de defesa consistem em maneiras de não entrar na tarefa. É comum ver em muitos momentos um determinado grupo dispersar-se na tarefa seja por momentos de timidez, atraso, conversas paralelas etc.

A tarefa não poderá ser vista nessa abordagem como uma elaboração de ansiedades, na qual o desejo de conhecimento torna-se penetrável pela ruptura de uma parte dissociativa e estereotipada.

A elaboração do processo significa tornar consciente o inconsciente. Segundo Pichon-Rivière (1998), na passagem da pré-tarefa para a tarefa “*o sujeito efetua um salto, ou seja, a acumulação quantitativa prévia de ‘insight’ realiza um salto qualitativo durante o qual o sujeito se personifica e estabelece uma relação com o **outro diferenciado**”*(p33).

Esse salto qualitativo é claramente percebido quando no decorrer da tarefa o grupo pode exprimir seus sentimentos compartilhando com o grupo muito dos seus medos primários, o que permite ao interventor alcançar determinados objetivos para com o grupo desejado, ou seja, um grupo genuinamente operativo .

Essas transformações modificam a situação que se torna nova para o sujeito e assim o processo começa outra vez (modelo em espiral).

Para um interventor, essa é uma ótima oportunidade de exercitar de forma contínua um novo olhar sobre o trabalho em grupo e as diversas possibilidades de aprendizagem, visto que a psicopedagogia vive um momento onde a produção de conhecimentos ganhou uma dimensão nunca antes alcançada, possibilitando com isso transformarmos empresas, escolas em locais de aprimoramento de conhecimentos, conferindo ao trabalhador e em especial ao educador um novo papel na economia, o que lhe impõe um novo desafio de ser um aprendiz permanente.

CONCLUSÃO

Durante todo o processo de pesquisa para a intervenção, foi possível verificar que o ambiente da escola se apresenta como um lugar muito complexo em suas relações grupais (fruto da mistura de função e contatos) entre os diversos grupos existentes no mesmo ambiente e numa rotina de intensa atividade diária e participação de toda a comunidade envolvida, e ainda muito limitada a pensar a prática psicopedagógica com foco nos distúrbios de aprendizagens de alunos ditos problemáticos. Nas primeiras pesquisas, houve uma certa dúvida sobre a garantia de sucesso e de interesse que essas estratégias aqui relacionadas iriam despertar e poderiam apresentar na empresa, sobretudo quando o projeto desenvolvido lida diretamente com questões subjetivas da gestão, o que implicou numa expectativa quanto a necessidade prática de colocar cada etapa das estratégias em ação e alcançar esses resultados. Por essa razão, constatou-se a existência de uma ansiedade quanto ao sucesso ou fracasso do projeto de intervenção aqui proposto.

Um estudo mais aprofundado de Pichon-Rivière(1997) quanto a abordagem de grupos operativos poderá ser visto a partir desse documento monográfico como mais uma contribuição ao exercício da psicopedagogia, inclusive por tratar-se de uma abertura para a visão de intervenção na empresa. Entretanto, vale ressaltar que as pesquisas nessa área ainda são superficiais e para a construção de um projeto real de intervenção será necessário um melhor e mais completo projeto, contemplando a diversidade cultural e organizacional da instituição a ser pesquisada. Por isso, esse trabalho foi extremamente oportuno quanto a pesquisa e conhecimento teórico dessa abordagem “pichoniana”, o que contribui de forma positiva para a divulgação de sua obra e demais estudiosos que acreditaram em seus trabalhos, assim como a própria monografia enquanto material de sugestão e não como algo comprovadamente possível de ser implementado com sucesso científico.

Esse trabalho teórico e bibliográfico está num patamar de “empirismo” e não de comprovação científica, porém, pressupõe a abertura as situações experimentais que essa área da psicopedagogia poderá atuar. Trabalhar com conflitos e desgastes, em torno de uma tarefa grupal é uma proposta que pode ser apresentada e ter aceitação ou não por parte de gestores nas mais diversas instituições, o que implica em tratar de questões mais ocultadas e mais subjetivas que nem sempre estão explícitas nos trabalhos publicados dentro.

Nesse sentido, a pesquisa permitiu com que essas estratégias fossem especuladas na busca de contribuir significativamente para o desenvolvimento da psicopedagogia numa perspectiva de intervenção, e por fim tirando o foco do especialista na criança e no professor, mas pensando na escola como um espaço real de intervenções em todas as suas instâncias.

Após as primeiras leituras, ficou estabelecido um tempo, espaço e estratégias para a projeção de realização do trabalho, permitindo que houvesse um planejamento com etapas a serem alcançadas para que, torne-se ajustável nas mais diversas situações de intervenções a serem realizadas, proporcionando com isso uma abertura entre a instituição escola e a pesquisa para a realização do trabalho monográfico enfatizando a construção do vínculo a partir das contribuições de Pichon – Riviére.

Concluimos que a pesquisa bibliográfica em busca de uma prática de intervenção na instituição escolar, possibilitou a construção de um novo olhar para o papel do psicopedagogo e da sua atuação no espaço escolar e na empresa. Além disso, o período de pesquisa e de construção dessas estratégias de intervenções, possibilitou a construção do conhecimento até então pouco discutido sobre papel e atuação do psicopedagogo na empresa e organização escolar, o que representa a importância que essa especialização e pesquisa a partir daqui tem para a minha trajetória profissional dos alunos que buscaram nesses últimos dois anos conhecimento teórico e prático em seu processo de formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANÁRIO,Rui (org.). Escola da Ponte : Em defesa da Escola Pública. São Paulo Editora: Superglaf,2004.

DAVINI, Juliana(org). *Psicanálise e Educação: em busca das tessituras grupais*. 1.ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1998. (Série Seminários).

FAGALI, Eloísa Quadros. *Psicopedagogia Institucional Aplicada: aprendizagem escolar, dinâmica e construção na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1993.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A Inteligência Aprisionada : Abordagem Psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Porto Alegre .Ed .Artes Médicas,1991.

_____. *Psicopedagogia Em Psicodrama : Morando no Brincar*. Petrópolis, Vozes,2001.

FERREIRO,Emília. *Cultura escrita e educação: Conversas de Emília Ferreiro com José Antônio Castorina,Daniel Goldin e Rosa Maria Torres*. Artes Médicas,2001.

FREIRE, Madalena, CAMARGO, Fátima, DAVINI, Juliana et alii. *Observação, Registro, Reflexão: instrumentos metodológicos* 1.2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. (Série Seminários)

_____. *Grupo-Indivíduo, Saber e Parceria: malhas do conhecimento* . São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997. (Série Seminários).

GARDNER, Horward – *Inteligências Múltiplas – A Teoria na Prática* . Artes Médicas. Porto Alegre, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. *A organização e Gestão Escolar*. Goiânia. Ed. Alternativa, 2004.

MATURANA, Humberto. "Educar para colaborar o para competir ", *Revista de Pedagogia*, pag, 133; 1997)

NÓVOA, Antônio. "*A Formação contínua entre a pessoa-professor e a organização- Escola*". Inovação. Lisboa, 1996.

PICHON-REVIÈRE, Enrique. *O Processo Grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (a)

_____ *Teoria do Vínculo*, 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (b)

SEAGAL, Sandra, HORSE, David. *Human Dynamics*: um novo contexto para compreender pessoas e realizar o potencial de nossas organizações. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.

SOLÉ, Isabel. *Orientação Educacional e Intervenção Psicopedagógica*.;trad. Beatriz Affonso Neves.- Porto Alegre: ed. Artmed

WARSCHAUER, Cecília. *Rodas em Rede*: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

